

# A saúde na UTI

Sandra Cavalcanti \*

O Município do Rio de Janeiro talvez seja o que detém a mais expressiva rede pública de instituições ligadas à área da Saúde.

São 57 hospitais e 93 unidades ambulatoriais. Isso significa que estão, à disposição dos cariocas, 12.262 leitos e 3.435 consultórios.

Além disso, é no Rio que se concentra uma das mais densas ofertas de serviço médico do país. A essa rede oficial, a maior do país, se somam 6.635 leitos e 402 consultórios da rede contratada ou conveniada.

Pelos parâmetros da Organização Mundial da Saúde, esta situação teórica é até muito boa. Dá uma relação de um leito para cada 300 habitantes. Portanto, não é aí, nesse ponto, que residem os problemas que fazem a rede de assistência à Saúde, no Rio, ser a calamidade em que ela está transformada.

A OMS considera muito boa, para países ricos, a média de 1 médico para cada 1.000 habitantes.

Pois bem, só no Rio, essa média já caiu para a quarta parte. Temos 1 médico para cada 250 pessoas!

Diante de tais dados, como entender as filas intermináveis, penosas, cruéis, a que ficam submetidas as pessoas que procuram a assistência médica oficial? Principalmente, como no caso do Mu-

nicipio do Rio de Janeiro, onde se sabe que existe esta fartura de médicos, de leitos e de consultórios?

Como exigir de um pobre doente, quebrado, muitas vezes faminto, que ele vá de madrugada para uma fila, para ser talvez atendido lá pela hora do almoço. Como admitir que ele não encontre vaga? Como acreditar que não há médicos? Como aceitar as greves que, sistematicamente, nos últimos anos, vêm destruindo a assistência médico-hospitalar na Cidade do Rio? Qual a queixa dos profissionais de Saúde?

A alegação é a de que eles estão sendo remunerados de forma *aviltante*.

Concordo! Concordo em gênero, número e grau. Acho que, depois de estudar o 1º grau, o cursinho e a Faculdade; depois de fazer residência médica por dois anos, no mínimo; depois de especializar-se em uma área e viver estudando, um médico não pode ganhar o salário de fome que lhe é pago, atualmente, pelas instituições oficiais que compõem a rede pública e pelos convênios que são celebrados.

Mas vale uma pergunta curiosa: esse salário paga, exatamente, que tipo de serviço?

Exige presença diária? Paga quantos plantões? Obriga a quantas cirurgias? Determina quantas consultas e atendimentos?

Nesse momento, a realidade passa a

ser um horror! Fica claro que existem médicos em número excessivo, que são mal pagos, mal organizados, mal lotados e mal dirigidos.

É o próprio INAMPS, em vários relatórios, que nos mostra o quadro de escândalo e incompetência da rede pública no Rio de Janeiro.

Só no Município, são 12 mil médicos. Por causa disso, um cirurgião, na pediatria, trabalha *dois dias* por mês!

Na proctologia de um dos mais famosos hospitais do Rio, *cada médico dá três consultas por dia e faz apenas uma operação por mês*.

No Hospital da Lagoa, na pediatria, o número *mensal* de consultas, por médico, equivale a *quatro dias* de trabalho.

E por aí fora, nesse rosário de absurdos que nem dá para acreditar.

Portanto, não é no salário que está o erro.

É verdade que se paga uma *miséria* para quem de fato trabalha. Mas pagam-se *regiamente* a ociosidade e o parasitismo de muitos.

Quando alguém não trabalha, qualquer coisa que venha a ganhar, na verdade, já é *muito*!

Acho que o Deputado Alceni Guerra, ministro da Saúde, vai enfrentar logo, de cara, esse despropósito, esse desperdício, esse desparrame de dinheiro arrancado do trabalhador. Terá de ser justo, enérgico e exigente.

Mas, como? Como pode um diretor de hospital ser exigente, enérgico, duro, disciplinador, inflexível e intolerante com apadrinhados, preguiçosos, parasitas, se ele, para assumir o comando da instituição, tem que vencer uma eleição?

Eleição em que votam todos, desde a cozinheira, o jardineiro, o servente, o vigia, até a estrela internacional?

Ai está o câncer que vem matando a assistência médica no Brasil.

Tem que haver um gigantesco esforço para salvá-la. Melhorar drasticamente os salários e exigir produção, eficiência, disciplina, dedicação e prestação real de serviços.

Quem não quiser, rua!

Ou o INAMPS acaba com o desperdício, a preguiça, o fisiologismo, a corrupção e o parasitismo, ou a classe médica brasileira acaba desmoralizada e desacreditada pelos desserviços de alguns.

Não venham com a conversa de que não há recursos. Há!

Como diz Peter Drucker, em seu livro magistral *A era da descontinuidade*, o dinheiro existe. Está onde não deve!

Eu acrescentaria: "E paga muito a quem não trabalha, impedindo quem trabalha de receber muito melhor."

A Saúde tem que ir para a UTI!